

Conferência Internacional

O NASCIMENTO (EM IMAGENS) DAS NAÇÕES AFRICANAS: MÉDIA E DESCOLONIZAÇÕES

9-10 Outubro 2024

Colégio Almada Negreiros, Universidade Nova de Lisboa, Campus de Campolide

11 Outubro 2024

Escola das Artes / Universidade Autónoma de Lisboa

Rua Fernando Assis Pacheco, 207

Mostra de Filmes

INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

7-11 de Outubro

Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema

Rua Barata Salgueiro Nº 39

Encontros Artísticos

ARTIVISMO E DESCOLONIZAÇÕES

17 de Outubro

Hangar – Centro de Investigação Artística

Rua Damasceno Monteiro, 12

Organização: Maria do Carmo Piçarra (ICNOVA), com Giulia Strippoli (IHC). Parceiro:
DocLuanda – Festival Internacional de Cinema Documental





©Augusta Conchiglia, Frente Leste de Angola, 1968

PROGRAMA

CAN/ Universidade Nova de Lisboa - 9 Outubro 2024
sala SE1

9h30 – Abertura

9h40-10h40

José Manuel Costa (em conversa com Maria do Carmo Piçarra): **Conservação, preservação, acessibilidade dos “arquivos” das independências: questões, experiências e novos (velhos?) caminhos**

José Manuel Costa foi diretor da Cinemateca Portuguesa, com a qual começou a colaborar em 1975, dedicando-se ainda ao ensino e à investigação em cinema e museologia cinematográfica.

Na Cinemateca, destaca-se o trabalho de criação e instalação do Arquivo Nacional das Imagens em Movimento (ANIM). Tem ocupado funções de destaque na área do Cinema e do Património também internacionalmente. De 1991 a 1996, foi Presidente do Comité Executivo do Projeto LUMIÈRE (Programa MEDIA). Entre 1991 e 1998, foi também Presidente do Comité Executivo da Associação das Cinematecas Europeias. Foi ainda um dos fundadores da APORDOC (Associação pelo Documentário), e do DOC’S KINGDOM – Seminário Internacional sobre Cinema Documental, que dirigiu entre 2000 e 2013.

Na área académica, ensinou, ao longo de três décadas, no departamento de Ciências da Comunicação da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, entre 1989 e 2019, dedicando-se em particular à História do Cinema e do Documentário. Entre 2008 e 2010, lecionou História, Estética, Teoria do Cinema e Cinema Documental na Escola Superior de Tecnologias de Abrantes. Atualmente, é professor no mestrado em Património Cinematográfico e Audiovisual da Universidade Lusófona.

Investigador em diversas instituições estrangeiras na área do cinema e da museologia cinematográfica, incluindo o Centre National de la Cinématographie (Paris), o British Film Institute (Londres), o Nederlands Filmmuseum (Amsterdão), ou as Cinematecas Chinesa e Indiana, é autor de numerosos textos sobre História e Museologia do Cinema, sobre Cinema Português e História do Documentário. É ainda autor ou coautor de diversas monografias, sobre cineastas como D. W. Griffith, Robert Flaherty, Joris Ivens ou Frederick Wiseman, e sobre cinema chinês e indiano.

Pausa para café

11h00-12h15 – Painel I *(Des)construindo imaginários das nações africanas – perspectivas jornalísticas*. Moderação por Carla Baptista

Jacinto Godinho: **A guerra filmada pelos repórteres “amigos” do regime colonial: Os casos Chauvel e de Roux**

Em 1968, o general António de Spínola foi nomeado, por Oliveira Salazar, Governador Militar da Guiné. Implementou uma política de comunicação completamente diferente da seguida pelo Governo português, procurando responder, no palco mediático europeu e mundial, à enorme capacidade de mobilização da imprensa internacional conseguida, entretanto, pelos vários movimentos de libertação das colónias portuguesas. Em Outubro de 1969, Spínola paga as despesas de deslocação à Guiné de um casal de jornalistas franceses, cujas reportagens revolucionaram a imagem internacional de Spínola, que aparece como general de monóculo, líder destemido das suas tropas na frente de batalha e dando o peito às balas.

Genoviève Chauvel, fotógrafa, trabalhava para a agência Gama e a reportagem que fez sobre Spínola e a guerra na Guiné foi publicada na revista Paris-Match. O marido Jean-François Chauvel era editor do jornal *Le Figaro* e produtor do programa de grande informação da ORTF *Point-Contrepoint*. Jean-François Chauvel levou uma equipa de televisão e conseguiram filmar uma operação do exército português contra o PAIG na qual foram mortos dois soldados portugueses. O filme com a agonia do soldado António Capela é hoje considerado um dos raros que mostra realmente como foi a guerra na Guiné.

Dominique de Roux, escritor e jornalista francês, ficou impressionado com as reportagens do casal Chauvel e interessa-se pelo caso de Spínola. Le Roux surge pela primeira vez em 1972, fazendo uma reportagem com Spínola na Guiné e travando conhecimento com Otelo Saraiva de Carvalho. Simpatizante da extrema-direita francesa, Le Roux mexia-se bem nos meandros militares portugueses. Em 1973 entrevistou Kaulza de Arriaga num documentário em Moçambique sobre a situação portuguesa. Em 1974, Chauvel e De Roux souberam antecipadamente do 25 de Abril e deslocaram-se para Portugal onde captaram imagens únicas da Revolução dos Cravos.

Jacinto Godinho é doutorado em Ciências da Comunicação pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, é atualmente investigador do CICANT, e professor associado convidado do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Lusófona. Jornalista dos quadros da RTP (Rádio e Televisão de Portugal) desde 1988. Produziu e realizou e várias séries documentais, como é o caso de *Ei-los que partem – Uma história da Emigração Portuguesa* (2006); *A PIDE ANTES da PIDE* (2016) e *Quando a Tropa mandou na RTP* (2017); *A Gravação Secreta da Assembleia Selvagem* (2019) e *Os Olhos da Revolução* (2024). Foi por duas vezes galardoado com o Prémio Gazeta do Clube de Jornalistas (1993 e 2027) e em 2024 ganhou o prémio de jornalismo televisivo do Goethe Institut. Publicou, entre outros, os livros *As origens da reportagem – Imprensa* (2009) e *As origens da reportagem – Televisão* (2011)

Augusta Conchiglia: **Militância política nos arquivos italianos**

Augusta Conchiglia é jornalista, fotógrafa e co-realizadora de documentários. Em 1968, foi a Angola para documentar a guerrilha conduzida pelo movimento de libertação contra a ocupação portuguesa. Publicou o livro *Guerra di popolo in Angola*, uma reportagem fotográfica realizada juntamente com os guerrilheiros do MPLA (1969), e o documentário *A proposito dell'Angola* sobre a luta de libertação. Foi durante muito tempo correspondente na África do Sul para meios de comunicação italianos e sobretudo franceses, colaborou com numerosas publicações e em centros de estudo sobre questões geopolíticas, trabalhando também para grupos de reflexão na África do

Sul sobre questões pós-Apartheid. Nascida em Gallarate em 1948, vive e trabalha em Paris.

Luzia Moniz: O fundamentalismo partidário pós-colonial e a morte dos sonhos da independência

Fruto do contexto da Luta de Libertação Nacional, com a Independência Nacional, Angola, como outras antigas colónias portuguesas, adotou um regime de partido único de pendor marxista. Com a queda do muro de Berlim, simbolizando o fim (será intervalo?) da Guerra Fria, e com o processo de pacificação, o País, tal como a maior parte dos países africanos, adotou um regime democrático de jure com múltiplos partidos. No entanto, em vez da democratização da sociedade, o partido único transformou-se em Partido-Estado, sustentado por diversas anomalias. Uma das quais o Fundamentalismo Partidário, um cancro social em países de regimes políticos autoritários. Um obstáculo ao desenvolvimento dessas sociedades. Essa doença social apanha-se, por um lado, por contágio directo, (primários) através da militância partidária, da ortodoxia político-partidária ou partidarite aguda. Ou indirecta (secundários) através de contactos e apoio a fundamentalistas primários. As suas principais vítimas são a liberdade, a dignidade da pessoa humana e a cidadania.

Luzia Moniz, 60 anos, africana de Angola, jornalista, socióloga e ativista interseccional, acredita na democracia como alavanca para o combate às desigualdades políticas, económicas e sociais.

É co-fundadora da PADEMA, Plataforma para o Desenvolvimento da Mulher Africana, uma organização da Diáspora Africana em Portugal, centrada na Mulher Africana diaspórica, nos seus valores culturais e identitários com vista à sua afirmação na sociedade tendo em conta a igualdade de género e de oportunidades.

Pan-africanista desde sempre, a autora liderou em Luanda, durante cinco anos, o Desk África da Agência Angola Press (ANGOP) que coordenava todo o noticiário africano do País, antes de ser transferida, em 1989, para Portugal como delegada da mesma agência.

Luzia reside em Portugal, sua terra de adopção e de opção.

12h15-13h15: Flora Gomes em conversa com Miguel de Barros

Flora Gomes, natural de Cadique, Guiné-Bissau, nasceu a 13 de dezembro de 1949. Filho de pais iletrados, desde criança lutou para superar a condição social de origem. Em 1972, estudou cinema no Instituto Cubano de Artes e Cinematografia, e, mais tarde, prosseguiu a aprendizagem no Senegal, no *Jornal de Actualidades Cinematográficas Senegalesas*. Em 1974 regressa ao seu país e filma a independência. No final da década de 70 trabalhou como fotógrafo e operador de câmara, colaborando com o Ministério da Informação. É assistente de Chris Marker e de Anita Fernandez e co-realiza dois filmes com Sérgio Spina, *A reconstrução* (1977) e *Anos no oça luta* (1978). Também em 1977, co-realiza *O regresso de Cabral*, com Sana Na N'Hada, sobre a transladação dos restos mortais de Amílcar Cabral, morto em Conacri. De 1987 a 2014, realizou cinco longas-metragens, estreando-se com *Mortu Nega*, homenagem aos combatentes da luta de libertação da Guiné. Foi o primeiro guineense a ter um filme, *Pô di sangui*, na competição do Festival de Cannes, em 1996. Em 2000, foi distinguido com o título de “Chevalier des Arts et Lettres” em França. Atualmente prepara *Lady Dia*, um policial,

onde aborda os problemas da sociedade em toda a sua complexidade, e um documentário relativo ao 40.º aniversário da morte de Cabral e da independência da Guiné-Bissau.

Miguel de Barros é sociólogo, editor e investigador guineense. É co-fundador do Centro de Estudos Sociais Amílcar Cabral (CESAC) e membro do Conselho de Pesquisa para as Ciências Sociais em África (CODESRIA). Desde 2012, é diretor executivo da ONG guineense Tiniguena – Esta Terra é Nossa!, uma das mais antigas e importantes do país. Recentemente foi distinguido com o prémio panafricano humanitário em “Leadership in Research & social impact”.

Almoço

15h-16h30 – (Des)construindo imaginários das nações africanas – o caso da Guiné-Bissau. Moderação por Miguel de Barros

Livia Apa: **Fotografar uma revolução: Bruna Polimeni e a rede de apoio italiana aos movimentos de libertação das colónias portuguesas.**

A minha intervenção tem como objetivo apresentar o trabalho da fotógrafa italiana Bruna Polimeni na Guiné-Bissau, tentando tecer um diálogo entre a sua experiência ao lado de Amílcar Cabral e a rica rede de solidariedade com a luta das antigas colónias portuguesas em Itália entre finais dos anos 60 e o início dos anos 70 que envolve diversos atores e diferentes dinâmicas de práticas outrora definidas como terceiro-mundistas. Foram muitas as figuras envolvidas nesse processo e foram muito diversas entre elas. Reconstruir essa teia implica abrir uma reflexão sobre a importância do pensamento de Cabral que em Itália envolveu importantes intelectuais como Giovanni Pirelli já responsável da divulgação da obra de Frantz Fanon, e que projetou, de forma pioneira, a figura de Cabral e o seu pensamento ao lado dos mais importantes pensadores anticoloniais da época.

Livia Apa pesquisa na área dos estudos literários e culturais dos países de língua oficial portuguesa. Tem vasta produção científica em volume e em revistas italianas e estrangeiras, tendo participado em vários projetos internacionais de investigação. Com Mário Alexandre Daskálos e Arlindo Barbeitos, organizou a antologia *Poesia Africana de Língua Portuguesa* (Academia Brasileira das Letras). Publicou duas antologias em italiano da poesia de Ana Luísa Amaral, tendo ainda traduzido, para italiano, Florbela Espanca, Mário Cesariny, Ruy Duarte de Carvalho, Mia Couto, Luís Carlos Patraquim, José Eduardo Agualusa, Ondjaki e Ana Paula Tavares. Co-editou, com Paulo Medeiros, *Contemporary Lusophone African Film* (Routledge, 2020).

Paulo Cunha: **Do cinema de Estado ao cinema fora do Estado: Guiné**

Olhando para o passado da Guiné-Bissau nas últimas cinco décadas, reflete-se sobre o papel do cinema na construção da sociedade, da nação e do Estado da Guiné-Bissau. Pretende-se fazer um ponto de situação em relação ao projeto inicial de Amílcar Cabral, líder histórico da luta de libertação, que tomava o cinema enquanto meio para a

descolonização do gesto e para a emancipação do olhar. Neste percurso, começamos por reconhecer a importância e a influência de movimentos emancipatórios no cinema mundial, como o Terceiro Cinema ou o *Nuevo Cine* latino-americano, no processo de luta revolucionária dos guineenses contra o colonizador e, posteriormente, no consequente processo de construção de uma identidade ou cultura nacional. Num segundo momento, tentamos relacionar os planos de Amílcar Cabral para a consolidação de uma cinematografia nacional (Cinema de Estado) com o atual cenário cinematográfico no território em que não se vislumbra qualquer política pública para o setor (Cinema fora do Estado).

Paulo Cunha é Professor Auxiliar do Departamento de Artes da Universidade da Beira Interior, onde é atualmente Vice-Presidente. Investigador do LabCom - Comunicação e Artes e colaborador do CEIS20 - Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra. Doutorado em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra. Atualmente é co-coordenador do Grupo de Trabalho "Cinemas Pós-Coloniais e Periféricos" da AIM - Associação Portuguesa de Investigadores da Imagem em Movimento (2015-) e Curador do festival internacional de cinema Curtas Vila do Conde, Batalha Centro de Cinema e Cineclubes de Guimarães.

Maria-Benedita Basto: **Cabral e o nascimento de uma nação nas imagens do *Noticiero* do ICAIC cubano**

Entre 1960 e 1990, o ICAIC, *Instituto cubano de arte e indústria cinematográficas*, realizou quase mil e quinhentos jornais cinematográficos de atualidades nacionais e internacionais, o *Noticiero*, criado e dirigido por Santiago Alvarez. Abrangendo cerca de 90 países, o *Noticiero* ICAIC construiu assim um riquíssimo (contra)arquivo visual de lutas, ideias e pessoas, sendo ao mesmo tempo um laboratório de experimentação estética do trabalho com a imagem em movimento. Nesta comunicação farei um levantamento do conjunto de *Noticieros* onde podemos encontrar imagens de Amílcar Cabral. Utilizando a tensão campo/fora de campo como um modo de pensar a entrada e saída de Cabral desse jornal filmico, entre o “efeito Tricontinental” e os anos Nino, e cruzando imagens com alguns discursos e ações, tentarei analisar o que esse legado cinematográfico nos deixou para pensarmos o nascimento de uma nação tal como imaginada por Cabral.

Maria-Benedita Basto é professora associada do departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos da Sorbonne Université, investigadora do CRIMIC e investigadora associada do IMAF/EHESS e do IHC/UNL. Combinando história, cinema e literatura, o seu trabalho centra-se em questões coloniais e pós-coloniais, em torno da (trans)memória e do arquivo, dos imaginários imperiais, das epistemologias subalternas no mundo lusófono, bem como dos movimentos internacionalistas e das lutas de libertação dos anos 60 e 70. Maria-Benedita Basto (co-ed.), *Socialismes en Afrique/African Socialisms*, Paris, MSH, 2021; Maria-Benedita Basto ‘Amílcar Cabral’, in J-N. Ducange, R. Keucheyan, S. Roze, *Histoire globale des socialismes*, Paris, PUF, 2021; «‘Somos Latino-Africanos’. Angola, entre estratégia geopolítica, propaganda interna e intimidad», dans Nancy Berthier y Camila Arêas (ed.), *Noticiero ICAIC: Memoria del mundo. 30 ans de periodismo cinematográfico en Cuba*, Madrid, Éditiones Hurón Azul, 2023.

Rodrigo Brum: **Imagens da libertação: Cinema, família e educação no nascimento da Guiné-Bissau**

Em 1964, o líder revolucionário Amílcar Cabral fundou uma escola-piloto, movido pela sua convicção de que uma revolução cultural - e não apenas militar - era essencial para “re-africanizar” a sua nação. Oito anos mais tarde, Cabral enviou quatro estudantes, entre os quais Flora Gomes e Sana Na N'Hada, para o Instituto Cubano de Cinema (ICAIC) para estudar cinema. Até então, a produção e o consumo de filmes na Guiné tinham sido fortemente controlados pelas autoridades portuguesas e nunca tinham estado ligados a projectos pedagógicos emancipatórios. Proponho-me discutir *Mortu Nega* (1988), a primeira longa-metragem realizada por Flora Gomes, que revisita a luta pela independência da Guiné-Bissau. O filme começa em janeiro de 1973, ao longo da fronteira sul da Guiné Portuguesa e da República da Guiné-Conacri, mostrando homens e mulheres a transportar armas através de um campo minado para apoiar os seus esforços de libertação. A região é o lar de vários grupos étnicos, incluindo os Fula, Balanta, Mandinga, Papel, Manjaca e Bijagó, cada um com dialetos e práticas culturais distintas. Estas divisões têm historicamente dificultado a comunicação e complicado a formação de uma identidade nacional coesa. Em *Mortu Nega*, os temas da família e da educação não só refletem as perturbações da guerra colonial, como também falam de uma realidade anterior, fragmentada, em que os laços sociais ainda estavam em processo de formação. Na minha apresentação, irei explorar a forma como o filme de Gomes repensa os conceitos de “família” e “educação”. Embora estas noções tenham sido frequentemente apropriadas por movimentos conservadores, tanto na época como hoje, Gomes desenvolve-as a partir de uma perspetiva revolucionária na sua primeira longa-metragem

Rodrigo Brum (American University of Cairo / University of Amsterdam) é professor universitário, cineasta e produtor de filmes residente no Cairo. É mestre em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Cinema, Vídeo, Novas Mídias e Animação pela School of the Art Institute of Chicago (SAIC). Antes de ingressar na AUC, Brum foi professor no Departamento de Design de Mídia na Universidade Alemã no Cairo, onde lecionou cursos sobre Cinema, Instalação de Mídia e Design Especulativo. Atualmente, está trabalhando no seu primeiro documentário de longa-metragem, *Like Someone Who Hears a Very Sad Song* (em desenvolvimento), produzido no arquipélago de Cabo Verde, onde viveu por quase um ano. No Cairo, ele foi cofundador da *A Kiss in the Desert*, produtora que apoia cineastas egípcios emergentes.

CAN/ Universidade Nova de Lisboa - 10 Outubro 2024
sala SC

9h30-10h30 – Claire Andrade-Watkins: **Poderosa: Archives, memories, and “a(rt)ctivism”** (Uma mulher poderosa: arquivos, memórias e “a(rt)ctivismo”)

Claire Andrade-Watkins, Ph.D., Professor de Media and African Studies, Marlboro Institute for Liberal Arts & Interdisciplinary Studies, Emerson College, é cineasta e académica, e descendente do primeiro povoamento de cabo-verdianos em Rhode Island. O seu trabalho académico e cinematográfico reconstitui narrativas ausentes da diáspora africana, realizando filmes que exploram a história, a música e a identidade diaspórica de Cabo Verde.

Pausa para café

10h45-12h15 – *(Des)construindo imaginários das nações africanas - O caso italiano*.
Moderação por Raquel Ribeiro

Luca Peretti – **Anticolonialism in Italian cinema: the case of the former portuguese colonies** (Anticolonialismo no cinema italiano: o caso das antigas colónias portuguesas)

Nas décadas de 1960 e 1970, uma forte e difusa solidariedade anticolonial, terceiro-mundista e internacionalista estava presente no cinema e na cultura italiana em geral. Os realizadores italianos fizeram filmes em países recentemente descolonizados e viajaram para países que ainda lutavam pela sua independência. Entre os exemplos, contam-se Cesare Zavattini, que colaborou estreitamente com instituições cinematográficas cubanas, ou cineastas militantes de esquerda que realizaram filmes em países descolonizados ou recentemente descolonizados, nomeadamente Gillo Pontecorvo (*A Batalha de Argel*, 1966).

Nesta apresentação, centrar-me-ei no envolvimento de cineastas italianos na luta pela libertação das antigas colónias portuguesas (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde). Abordarei o trabalho de realizadores que filmaram em África durante a guerra e antes da independência destes países, como Alberto Filippi e Valentino Orsini (que realizou *I dannati della terra*, 1969, inspirado no texto de Frantz Fanon), Augusta Conchiglia e Stefano de Stefani, e Piero Nelli (*Labanta Negro!*, 1966). Também analisarei os filmes realizados por realizadores italianos que viajaram para África após a independência destes países - como Sergio Spina, Elena Bedei e Carlo Lizzani.

Luca Peretti é professor assistente de Estudos Italianos na Universidade de Richmond. Escreveu *Un dio nero un diavolo bianco. Storia di un film non fatto tra Algeria, Eni, Solinas e Sartre* (Marsilio, 2023) e co-editou volumes sobre terrorismo e cinema (Postmedia books, 2014), Pier Pasolini Pasolini (Bloomsbury Academics, 2018), e sobre cinema italiano e Argélia (AAMOD, 2022). O seu trabalho foi publicado, entre outros, em *Film History*, *Senses of Cinema*, *The Italianist*, *Interventions*, *Annali d'Italianistica*, *Journal of Italian Cinema and Media Studies*, *Historical Materialism*, *Comunicazioni Sociali*, *L'Avventura*, e é o editor-chefe da revista *Cinema e Storia*. Escreveu e co-produziu o filme *Mister Wonderland* (dir. Valerio Ciriaci, 2019) e colabora com jornais e revistas.

Afonso Ramos (Instituto de História da Arte - UNL) – **Augusta Conchiglia e Uliano Lucas: A revolução da normalidade**

Partindo de Itália, Augusta Conchiglia e Uliano Lucas prestaram dois dos maiores testemunhos visuais da luta contra a presença colonial de Portugal no continente africano. Embora tenham sido negligenciados durante décadas, ambos os trabalhos

alcançaram recentemente um lugar de destaque entre o imaginário destes eventos. Esta apresentação analisa a radicalidade das imagens não enquanto revelação explícita de uma sobrevivência extrema, mas antes na persuasiva ilustração de uma vida futura.

Afonso Dias Ramos é investigador no Instituto de História da Arte (NOVA FCSH/IN2PAST), Editor Associado da *Revista de História da Arte*, e Professor Auxiliar Convidado na NOVA FCSH. Foi Professor Auxiliar Convidado na Universidade de Coimbra e investigador pós-doutoral no Forum Transregionale Studien/Freie Universität Berlin. É doutorado em História da Arte pelo University College London.

Sara Gaspar – **Angola 1968: Do conteúdo semiológico à análise narrativa das imagens de Augusta Conchiglia**

“Não declarámos guerra a ninguém. Não estamos em guerra com ninguém. A subversão não tem nome e os seus atentados partem, não se sabe de quem.” (Caetano, 1968, 6:15) A censura aos artigos de imprensa, rádio e televisão são factor bastante para aniquilar qualquer pretensão jornalística de divulgar ou dar a conhecer a realidade da guerra colonial em Angola. Com as portas fechadas à entrada de jornalistas internacionais em território angolano e o forte controlo ao trabalho jornalístico nacional, Augusta Conchiglia (jornalista italiana) encontra, a partir da entrada clandestina na região Leste de Angola e dos milhares de registos fotográficos captados no terreno, uma forma de dar voz ao povo angolano. “As fotografias são imagens técnicas que transcodificam conceitos em superfícies. Decifrá-las é descobrir o que os conceitos significam.” (Flusser, 1985, p.25)

Sara Gaspar é doutoranda na Universidade Autónoma de Lisboa no curso *Media e Sociedade no Contexto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*; Licenciada em *Ciências da Comunicação* pela UAL e em *Design* pelo IADE e Pós-graduada em *Jornalismo Internacional e em Assessoria da Comunicação* pela UAL. Nos últimos quase 30 anos, tem trabalhado com a imagem, primeiro em televisão e depois no ensino, partilhando conhecimento e acompanhando futuros jornalistas, através da prática televisiva a comunicarem através da imagem.

Giulia Strippoli – **Portogallo paese tranquillo, de Joaquim Jordá: conexões transnacionais e representação da luta de libertação**

Em 1969, Joaquim Jordá realizou o documentário *Portogallo paese tranquillo*, um filme de 37 minutos que contém entrevistas aos opositores do regime do Estado Novo em Portugal. O realizador catalão tinha proposto ao MPLA um filme sobre a luta de libertação e Mário de Andrade tinha-lhe, entretanto, sugerido documentar o efeito da desagregação do império na metrópole. Jordá fez uma viagem a Portugal, onde estudantes, operários, políticos, testemunharam o momento histórico da ditadura, na passagem de liderança de Salazar a Caetano e os efeitos da guerra colonial. O filme contou com um diretor de fotografia italiano, Fabrizio Castronuovo e foi produzido pela Unitefilm, ligada ao gabinete de propaganda do Partido Comunista Italiano (PCI). A comunicação enfoca-se sobre: o contexto transnacional de produção do filme e evidencia os contatos entre o realizador catalão, a oposição portuguesa, a proposta de realização do MPLA e o apoio do PCI; os conteúdos do filme; a estética do cinema militante do Jordá, com particular destaque à representação da luta de libertação

Giulia Strippoli é historiadora, investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Conduziu investigação sobre os partidos comunistas da Europa Ocidental, os movimentos estudantis, a história do trabalho, a militância de esquerda, a história das mulheres e os feminismos, a história das relações entre Itália e as ex-colónias portuguesas no processo da descolonização.

As suas publicações mais recentes incluem: *Women's Transnational Activism against Portugal's Colonial Wars* (2022), *Arriving from the revolution: International Women's Year in the Portuguese Hot Summer*, (2023), *Female Gazes In The Communist Movement: Women Photographers In The Interwar Period And World War II* (2024). É autora do documentário *Vita di Lionel* (2020) sobre o realizador Lionello Massobrio e o seu filme rodado em Angola em 1970/1971, *La Vittoria è certa!*. O seu livro mais recente (2024), em co-autoria com Sandro Moiso, é sobre a experiência do grupo revolucionário Lotta Continua em Portugal entre 1974 e 1975.

12h15-13h00 – Sonhámos um país com imagens - Luís Carlos Patraquim em conversa com Jessica Falconi

Jornalista e escritor moçambicano, **Luís Carlos Patraquim** foi argumentista de cinema e autor de vários guiões do cinema feito em Moçambique, tendo ainda integrado a redação das duas séries de *Kuxa Kanema*.

Jessica Falconi é investigadora auxiliar no CEsA/CSG, ISEG, Universidade de Lisboa. Doutorada em Estudos Ibéricos pela Universidade de Nápoles (Itália) “L’Orientale”, lecionou na área das literaturas lusófonas e da língua portuguesa. Entre 2010 e 2017 foi bolsista de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), tendo desenvolvido a sua investigação junto do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e, posteriormente, junto do CEsA. Em 2018 foi professora visitante na Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha) onde dirigiu o Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões. Tem participado em diversos projectos de investigação e tem publicado em revistas nacionais e internacionais na área das literaturas e dos cinemas africanos de língua portuguesa, com especial enfoque na literatura moçambicana. É também tradutora de português

Almoço

14h30-15h30 – Elísio Macamo - Dar à luz a cópia: dos fantasmas da descolonização em África

Nesta intervenção, regresso ao sentido original, ou etimológico, de “imagem”, portanto, “imitação” ou, mais generosamente, “cópia”. Indago-me em que medida as independências produziram novos países. No processo, procuro captar as várias imagens de África que animaram as suas representações políticas, culturais e sociais. Constato, como espero, com trepidação, ser o caso, que essas imagens se apresentam como fantasmas à solta que, ao estilo dos famosos “espíritos acidentais” – as almas dos que morrem longe de casa – das crenças religiosas do Sul de Moçambique, se posicionam estrategicamente no caminho à procura de quem os leve de volta à casa. Pergunto-me se o nascimento da cópia não representa, metaforicamente, a morte do original, mas também, com Valentin Mudimbe – “A invenção de África” – se é

realmente possível recuperar o original. E se não for possível, como julgo não ser, pergunto-me porque nos damos à maçada.

Elísio Macamo é professor catedrático de sociologia e estudos africanos na Universidade de Basileia, na Suíça. Formou-se em Moçambique, Inglaterra e na Alemanha, onde se doutorou e fez a sua agregação em sociologia geral e sociologia do desenvolvimento. Foi bolseiro pós-doutoral da FCT, *fellow* do Instituto de Estudos Avançados de Berlim e do Instituto de Estudos Avançados de Stellenbosch, membro do comité científico do CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África), membro fundador da Escola Doutoral de Estudos Africanos da Universidade de Bayreuth (Alemanha), diretor do Centro de Estudos Africanos de Basileia (2011-2019), é membro do Conselho do International African Institute (Londres), co-editor da *African Sociological Review*, membro do conselho científico das revistas *DADOS*, *Africa Spectrum*, *Stichproben*, *Revista Sociológica Angolana*, etc. Dirige atualmente o programa de doutoramento do Centro de Estudos Africanos na Universidade de Basileia.

15h-16h20 *(Des)construindo imaginários – Arte e média na luta antifascista e anticolonial*. Moderação por Maria-Benedita Basto

Daniel Barroca: **Dentro do espaço negativo: imagens da guerra na Guiné e tempo profundo**

A minha proposta para este encontro parte da minha investigação acerca de imagens na guerra (colonial) na Guiné Portuguesa, hoje Guiné-Bissau. Mais em concreto, acerca de um objeto que tenho vindo a trabalhar ao longo dos anos, que é um álbum fotográfico que o meu pai compilou enquanto soldado do exército português, entre 1972 e 1974, e que trouxe consigo para Portugal depois da guerra. Começo por pensar na forma como este objeto é uma arquitetura formada por materiais e imagens fotográficas que engendram uma escala muito particular que ao longo do tempo absorveu o meu olhar e o transformou. Olho para esse espaço micro arquitetónico como um espaço negativo que dá forma ao olhar, tal como o molde em gesso de um escultor, o negativo, dá forma à matéria líquida que este lhe verte para obter o positivo. O olhar funciona então como uma matéria líquida a que o álbum atribui forma(s). Penso o tempo nesse espaço como algo da ordem do tempo profundo, um tempo cujos ciclos extravasam a duração humana, ou seja, que enquanto ser humano eu não consigo apreender totalmente ao longo do meu tempo de vida.

Daniel Barroca (1976) estudou Artes Plásticas na Escola de Arte e Design das Caldas da Rainha (1996/01), no Ar.Co em Lisboa (2002) e no Ashkal Alwan em Beirute (2013/14). Em 2016 recebeu uma bolsa Fulbright que o levou ao departamento de Antropologia da Universidade da Flórida onde fez um mestrado em Antropologia. É doutorando em Antropologia no DANT.ULISBOA com uma bolsa FCT. Co-realizou, com Catarina Laranjeiro, o filme *Fogo no Lodo* (2023).

Raquel Schefer: Trajetórias de cinema internacionalista: O caso de Oficina-Samba nas revoluções portuguesa e moçambicana. Circulação de arquivos, pedagogia radical e tropicalismo tecnológico

A comunicação toma como estudo de caso a trajetória de Oficina-Samba entre o Brasil, Portugal e Moçambique de 1974 a 1980 com o objectivo de examinar três eixos estruturais do cinema internacionalista da década de setenta, inscrito num contexto de descolonização e de coletivização dos modos de produção: a circulação de arquivos, a pedagogia radical e o tropicalismo tecnológico.

Em Maio de 1974, José Celso Martinez Corrêa, fundador da companhia de teatro de vanguarda Teatro Oficina em 1958, que devém Oficina-Samba em 1973, e Celso Luccas exilam-se em Portugal, onde realizam *O Parto* (1975), média-metragem sobre a Revolução de 1974-1975. Depois de ter visionado *O Parto*, Samora Machel convida José Celso e Luccas a a realizar um filme sobre a independência de Moçambique, a longa-metragem *25* (1975-1977). As diferentes versões de *O Parto* e de *25* exemplificam o engajamento político, a experimentação formal e a vontade de descolonizar os arquivos e as formas cinematográficas que caracterizam a obra do coletivo. Nos dois filmes, os processos de descolonização e coletivização dos modos de produção adquirem uma dimensão simultaneamente formal e material através do re-emprego alargado e do *détournement* de arquivos fascistas-coloniais. A reconstituição da complexa história material dos dois filmes alia-se, nesta comunicação, a uma reflexão sobre o modo como, no campo do cinema, a coletivização dos modos de organização, produção e distribuição favoreceu a circulação de sons e imagens em movimento. Os itinerários do arquivo anti-colonial — itinerários geográficos, materiais, culturais e intermediáticos, acompanhando os percursos internacionalistas — fazem da circulação um traço distintivo face ao arquivo colonial e ao arquivo como categoria geral que define relações de saber-poder-ver que lhe são específicas. Por fim, a comunicação centra-se na participação de José Celso e Luccas nos programas de formação de técnicos cinematográficos no Instituto Nacional de Cinema (INC) de Moçambique através de métodos pedagógicos radicais. Aborda também a sua implicação na criação do Cinema Móvel, estrutura fundamental no âmbito do processo de universalização da distribuição cinematográfica — visando teoricamente, numa segunda etapa, a coletivização da produção —, retomada pelos cineastas no contexto brasileiro através do projecto Cinema Ambulante (1979-1980), sobre o pano de fundo de uma discussão alargada sobre o tropicalismo tecnológico.

Raquel Schefer é investigadora, realizadora, programadora e professora associada no Departamento de Cinema e Audiovisual da Universidade Sorbonne Nouvelle. Doutorada em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais pela Universidade Sorbonne Nouvelle, é mestre em Cinema Documental pela Universidad del Cine de Buenos Aires e licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Foi investigadora convidada na Universidade da Califórnia, Los Angeles e bolsreira de pós-doutoramento da FCT no CEC/Universidade de Lisboa, no IHC/Universidade Nova de Lisboa e na Universidade do Western Cape. É co-chefe de redacção da revista de teoria e história do cinema *La Furia Humana*.

Maria do Carmo Piçarra: Libertação de Angola: a humanização da luta por Augusta Conchiglia e Sarah Maldoror

Analiso como os olhares de Augusta Conchiglia e Sarah Maldoror contribuíram para contrariar a propaganda do Estado Novo, que representava os anti-colonialistas africanos como “terroristas estrangeiros comunistas” e/ou selvagens, e humanizar a luta independentista em curso.

Maria do Carmo Piçarra é investigadora contratada no ICNOVA/FCSH, professora assistente na Universidade Autónoma de Lisboa e programadora de cinema. É doutorada em Ciências da Comunicação e publica sobre propaganda cinematográfica e censura do Estado Novo, propaganda colonial e cinema militante africano. É autora, entre outros livros e artigos, de *Projectar a ordem. Cinema do Povo e propaganda salazarista 1935 – 1954* (2020), *Azuis ultramarinos. Propaganda colonial e censura no cinema do Estado Novo* (2015) e *Salazar vai ao cinema I e II* (2006, 2011). Coordenou, com Jorge António, a trilogia *Angola, o nascimento de uma nação* (2013, 2014, 2015) e, com Teresa Castro, *(Re)Imagining African Independence. Film, Visual Arts and the Fall of the Portuguese Empire* (2017).

Escola das Artes /UAL - 11 Outubro 2024

9h30-10h30 – Mariano Mestman: Estados Generales del Tercer Cine. A 50 anos após os Rencontres... de Montreal

Na primeira semana de junho de 1974, realizaram-se em Montreal os Rencontres Internationales pour un Nouveau Cinema, organizados por André Paquet e pelo Comité d'Action Cinematographique de Quebec. Reuniu mais de uma centena de críticos, cineastas, distribuidores dos chamados “novos cinemas” e do cinema político mundial de 25 países da América do Norte, Europa, América Latina, África e Mundo Árabe. Foi provavelmente o maior encontro do cinema político mundial do período 1960-1970, onde foram discutidos vários problemas dos novos cinemas, como a sua distribuição face aos oligopólios internacionais e o seu acompanhamento das lutas políticas e culturais em vários locais. A reunião foi batizada de “Estates General of Third Cinema”, precisamente porque juntou o impulso do 68 francês e europeu e as cinematografias emergentes do Terceiro Mundo. Ao mesmo tempo, a teoria do Terceiro Cinema e os membros do Comité do Cinema do Terceiro Mundo, criado em dezembro do ano anterior em Argel, tiveram uma influência notável na sua organização.

A conferência apresentará alguns registos audiovisuais dos debates durante os Rencontres de Montréal - recuperados há alguns anos - que, de certa forma, explicam por que razão, na segunda metade da década de 1970, foi um ponto de referência para outros encontros e coletivos do cinema político europeu.

Mariano Mestman é investigador principal do CONICET (Conselho Nacional de Investigação) no Instituto Gino Germani da Universidade de Buenos Aires, Argentina.

Doutorado pelo Programa de História do Cinema da Universidade Autónoma de Madrid, especializou-se na história do chamado Novo Cinema Latino-Americano e dos cinemas do Terceiro Mundo. Os seus estudos incluem também a história das vanguardas artísticas dos anos sessenta. Realizou trabalhos de investigação em arquivos de filmes no Canadá, Cuba, Itália e México, entre outros locais.

Pausa para café

10h45-11h30 – Billy Woodberry: *A Story from Africa and Mario: Engagement with archival materials* (*Story from Africa* e *Mario*: Interação com os materiais de arquivo)

Nascido em Dallas em 1950, **Billy Woodberry** é um dos fundadores do movimento cinematográfico L.A. Rebellion. A sua primeira longa-metragem *Bless their little hearts* (1983) é uma obra pioneira e essencial deste movimento, influenciada pelo neo-realismo italiano e pelo trabalho dos cineastas do Terceiro Cinema. O filme foi galardoado com os prémios OCIC e Interfilm no Festival Internacional de Cinema de Berlim e foi adicionado ao Registo Nacional de Filmes da Biblioteca do Congresso em 2013. A sua longa-metragem, *And when I die, I won't stay dead* (2015), sobre o poeta beat Bob Kaufman, foi o filme de abertura da Doc Fortnight do MoMA em 2016. John Simon Guggenheim Fellow 2017, durante o processo de pesquisa da sua mais recente obra, *Mário*, sobre Mário Pinto de Andrade, realizou *A Story from Africa* (2018). Neste, “confronta-se com a sua própria leitura inicial errada de uma fotografia tirada durante a campanha de pacificação portuguesa no sul de Angola em 1907, entrelaçando história e mito na sua complexa investigação do implacável impulso colonialista de dividir e conquistar” (MoMA DocFortnight 2020).

11h30–12h15 – Luciana Fina – *Todas as televisões e os mundos possíveis. Pasolini na casa do diabo*

Com enfoque na expressão cinematográfica inscrita na televisão pública italiana entre os anos 1960 e 1970, ensaio revitalizar a complexidade e a riqueza do pensamento crítico que assinala este momento singular da história da imagem. Confrontados com um novo médium e com a primeira idade do projecto público televisivo, os cineastas interrogam a fundo a relação com o real e a construção do seu olhar sobre o mundo. Com Roberto Rossellini, Pier Paolo Pasolini e numerosos documentaristas que procuram integrar as suas visões no *palinsesto*, surgem assim todas as televisões possíveis.

Pier Paolo Pasolini entra « na casa do diabo » e com a televisão instaura um desafiante corpo a corpo. Entre a severa condenação do médium de massa e uma perseverante presença nos estúdios televisivos, Pasolini dá ao telespectador a medida de diversos dramas que se consomem na Itália do milagre económico — o massacre urbanístico, a transformação da família, a migração dos trabalhadores e a condição operária, o desassossego dos jovens, a inexorável homologação linguística e cultural. O teor e a qualidade do debate televisivo em que ele participa é, hoje, surpreendente. É o real a afirmar-se contra a irrealdade da subcultura televisiva. Perante um país centrado na ilusão do desenvolvimento e do progresso ininterrupto, com os filmes realizados para a televisão — cadernos de notas e viagens inquérito magistralmente partilhados —, Pasolini convoca para outros mundos e abre o olhar do telespectador para novas realidades, no continente asiático e africano.

Concebida com base na investigação para a criação da instalação e do filme *Andrómeda**, e reenviando uma interrogação para a contemporaneidade, a conferência apresenta materiais audiovisuais desta primeira idade do projeto televisivo.

* A instalação e o filme *Andromeda* foram estreados, respetivamente, em maio-julho 2021 no Festival Temps d'Images - Carpintarias de São Lázaro, e em outubro de 2023, no Doclisboa.

Nasce em Itália, vive e trabalha em Lisboa desde 1991. Cineasta e artista independente, **Luciana Fina** tem desenvolvido um trabalho que migra frequentemente da sala cinematográfica para o espaço de exposição e o campo das artes visuais.

12h15-13h – Maria Emília Tavares - As imagens na revolução das ideias. Fotografia portuguesa e italiana no 25 de abril 1974

A produção de conhecimento e de visibilidade sobre a multiplicidade iconográfica do 25 de Abril 1974 é obrigatória, no quadro de uma práxis interdisciplinar, privilegiando as diferentes dinâmicas políticas, sociais e culturais. A realidade política italiana era uma das mais conturbadas da Europa, e existem evidentes aproximações com o período pós-revolucionário em curso português (PREC), com encontros ideológicos, práxis política, e de visões fotográficas partilhadas, razões para a vinda de muitos militantes italianos da Lotta Continua, bem como de fotógrafos. A revolução portuguesa surgia, neste quadro italiano, como uma das últimas oportunidades de “um novo mundo”, conforme refere Sandro Moiso.

Maria Emília Tavares é curadora de Fotografia e Novos Media e responsável pela coleção nesta área no Museu Nacional de Arte Contemporânea (Lisboa). Mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É investigadora de História da Fotografia Portuguesa, tendo publicado inúmeros estudos sobre o tema. Comissariou diversas exposições na área da história da fotografia portuguesa e da arte contemporânea no MNAC e noutras instituições. Publica regularmente estudos sobre Fotografia e Cultura Portuguesa em projetos editoriais nacionais e internacionais. É professora assistente convidada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto.

Almoço

15h00-16h30 – Rui Simões e José Manuel Costa em diálogo sobre cinema político português pós-25 de Abril no contexto do Internacionalismo (com moderação de Maria do Carmo Piçarra)

Rui Simões (1944), estudou Realização de cinema e Televisão no Institut des Arts de Diffusionem, na Bélgica, em 1970. Regressou a Portugal em maio de 1974, depois da Revolução dos Cravos e começou a trabalhar como Diretor de Produção na firma Animatógrafo, de António da Cunha Telles. Dois anos depois, fez o seu primeiro documentário *Deus, Pátria, Autoridade*.

Em 1986, criou a produtora de cinema e audiovisual Real Ficção, a partir da qual desenvolveu trabalho como documentarista, focando-se profundamente em assuntos sociais e na arte, assim como no apoio a jovens realizadores. Referência no documentário português, assinou obras como *Bom Povo Português* (1980), *Cenas de Caça* (1994), *Introdução ao Princípio das Coisas* (2000), *Teatro dos Sonhos* (2003), *Ensaio sobre o Teatro* (2006), *Ilha da Cova da Moura* (2010), *Guerra ou Paz* (2012), *Entre Cenas* (2014), *Alto Bairro* (2014), *A Casa* (2017), *No País de Alice* (2021), lançando, na celebração dos 50 anos de carreira, a sua primeira ficção, *Primeira Obra*.

Mostra de Filmes
INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS
Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema 7-10 de Outubro

INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

Entre 1973 e 1975, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe foram os últimos países africanos a libertar-se, formalmente, do colonialismo europeu, na sequência de lutas de libertação para as quais contaram com solidariedades internacionalistas. Entre outras formas, estas materializaram-se no que se pretendeu ser um Terceiro Cinema descolonizador. Os filmes feitos alinharam-se com os objetivos da conferência Tricontinental, realizada em Havana, em janeiro de 1966. Se as solidariedades cubana, soviética, argelina, sueca ou francesa vêm sendo referenciadas, a italiana só agora começa a ser analisada. A Fondazione Archivio Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico (AAMOD), com um importante acervo relativo às lutas anticoloniais, tem dado contributos decisivos nesse sentido. Entre eles, e com organização sua e da Fondazione Gramsci, em parceria com as Cineteca Nazionale, Casa del Cinema, Sapienza Università di Roma e Università Roma Ter, de 10 a 14 de dezembro de 2023, contou-se LE EX COLONIE PORTUGHESI: MEDIA E DECOLONIZZAZIONE. Integrando-se na série IL PROJECTO E LE FORME DI UN CINEMA POLITICO, iniciada em 2017, incluiu uma mostra que revelou filmes da sua coleção, do Centro Sperimentale di Cinematografia, do Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos, e da RAI TECHE, além de uma conferência internacional.

Partiu dos diretores científicos do evento, o investigador Luca Peretti e Paola Scarnati, figura tutelar da AAMOD, o convite para que os apoiasse na organização do mesmo em Roma, e o desafio para dar sequência ao mesmo em Portugal, integrando a Cinemateca Portuguesa e o ICNOVA-UNL no projeto. Nesse âmbito, partindo do programa apresentado na Casa del Cinema, em Roma, apresento, em colaboração com Nuno Sena e com Luca Peretti, a mostra INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS. Paralelamente, e de 9 a 11 de Outubro, realiza-se a conferência O NASCIMENTO (EM IMAGENS) DAS NAÇÕES AFRICANAS: MÉDIA E DESCOLONIZAÇÕES, co-organizada por mim e por Giulia Stripolli (IHC) na Universidade Nova de Lisboa (9-10) e na Escola das Artes da UAL (11), parceiro com o Hangar – Centro de Investigação Artística (17 de Outubro). Nestas instituições, haverá debates, projeções e apresentações de investigações artísticas e comunicações.

Este ciclo propõe obras de referência que perderam visibilidade quando a importância do cinema político diminuiu. Destacam-se AFRICA NERA, AFRICA ROSSA, realizado por Carlo Lizanni em Angola pós-independência, DANNATI DELLA TERRA, de Valentino Orsini, ou RECONSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO, assinado coletivamente, mas filmado por Flora Gomes. Títulos como A PROPOSITO DELL'ANGOLA, feito clandestinamente em Angola, a mostrar com a presença da realizadora, Augusta Conchiglia, ou DIECI GIORNI CON I GUERRIGLIERI DEL MOZAMBICO LIBERO testemunham o militantismo dos italianos que, nas décadas de

60 e 70, combateram o colonialismo dando sequência à luta antifascista iniciada nos anos 40. MADINA BOE, do cubano José Massip, ou PORTOGALLO: PAESE TRANQUILLO, que o catalão Jordà Joaquin fez a pedido do MPLA, e com produção do Partido Comunista italiano, sendo uma importante antecipação da revolução que se antecipava são obras exemplares do internacionalismo cinematográfico de então. Entretanto, o militantismo italiano manteve-se pós-independências, como atesta NO PINTCHA, feito por Sergio Spina para o PAIGC, apesar da existência de realizadores locais formados. QUEIMADA!, de Gillo Pontecorvo, a encerrar, traduz a noção de que foi impondo: a vitória só seria realmente certa através dos filmes de ficção para grande público.

Maria do Carmo Piçarra

Mostra de Filmes

INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

no âmbito da conferência internacional
***O NASCIMENTO (EM IMAGENS) DAS NAÇÕES AFRICANAS:
MÉDIA E DESCOLONIZAÇÕES***

ICNOVA-FCSH (UNL)/ Escola das Artes – UAL / Hangar

Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema

**Com o apoio do Archivio Audiovisivo Del Movimento Operaio E Democratico
(Roma)**

7-11 de Outubro

7 de Outubro

18h30

LABANTA NEGRO!

de Piero Nelli

Itália, 1966 – 40 min.

AFRICA NERA, AFRICA ROSSA

De Carlo Lizzani

Itália, 1978, ep. 1 – 60 min.

Com a presença de Luca Peretti e apresentação de Luciana Fina.

Amílcar Cabral teve sempre a consciência da importância dos filmes para mostrar a luta anticolonial do PAIGC. Dada a inexistência inicial de guineenses com formação em

cinema, Mario Marret foi o primeiro estrangeiro a filmar nas zonas libertadas, assinando LALA QUEMA (1964) e NOSSA TERRA (1966), colaborando depois com Piero Nelli na realização de LABANTA NEGRO! (1966). Premiado no Festival de Veneza, este mostra a organização quotidiana nas zonas libertadas, e o início da criação das estruturas sociais do futuro país. Inclui imagens de um comício onde intervém Luís Cabral.

AFRICA NERA, AFRICA ROSSA é uma série documental de três episódios realizada por Carlo Lizzani, em 1976, para a RAI2, já após a independência de Angola. Além da televisão angolana, a equipa dirigida por Lizzani foi a única a filmar o julgamento de 14 mercenários anglo-americanos liderados por Costas Georgiou, conhecido como Coronel Callan, entre junho e julho de 1976. O primeiro episódio documenta o processo dos mercenários brancos com ligações à CIA.

21h30

AFRICA NERA, AFRICA ROSSA

De Carlo Lizzani

Itália, 1978 – ep. 2-3, 120 min.

Com apresentação de Luciana Fina

AFRICA NERA, AFRICA ROSSA, série documental de três episódios realizada em 1976 para a RAI2, é uma descoberta preciosa – feita no âmbito da mostra “Le ex colonie portoghesi: media e decolonizzazione”, que aconteceu em Roma, em dezembro de 2023, com organização da AAMOD – mesmo para aqueles familiarizados com a filmografia de Lizzani.

O segundo episódio reconstitui os quinze anos de conflito (incluindo aqueles entre os movimentos de libertação angolanos) que culminaram na independência e subida ao poder pelo MPLA. O terceiro episódio é um retrato da situação pós-independência em Angola, com expectativas de um futuro promissor que a história contrariou.

8 de Outubro

18h30

I DANNATI DELLA TERRA

De Valentino Orsini

Itália, 1969 – 100 min.

Sessão apresentada por Mariano Mestman (Universidad de Buenos Aires / CONICET), autor, com Alberto Filippi, de *Los condenados de la tierra/I dannati della terra: un film entre Europa y el Tercer Mundo*.

A partir dos materiais documentais legados pelo seu discípulo e amigo Abramo Malonga antes da sua morte, o cineasta de esquerda Fausto Morelli confronta-se com o desafio de terminar um filme inacabado sobre as lutas de libertação num país indeterminado da África subsariana. Como incorporar as imagens filmadas por Malonga sobre a luta do PAIGC, sob a liderança de Amílcar Cabral, na Guiné-Bissau, respeitando o seu olhar e simultaneamente incorporando os dilemas revolucionários no chamado Terceiro Mundo e na Europa?

21h30

PORTOGALLO: PAESE TRANQUILLO

De Jordà Joaquìn

Itàlia, 1969 – 36 min.

MADINA BOE

De José Massip

Cuba, 1969 – 30 min.

DIECI GIORNI CON I GUERRIGLIERI DEL MOZAMBICO LIBERO

De Franco Cigarini

Itàlia, 1972 – 24 min.

Por encomenda do MPLA, o realizador catalão Jordà Joaquìn fez um documentário italiano sobre a situação em Portugal após a morte de Salazar. Nada parece ter mudado quanto à estrutura política e à situação de pobreza, subdesenvolvimento, isolamento dos portugueses ou da continuidade da dura e longa “guerra colonial”. Porém, entrevistas clandestinas a trabalhadores, estudantes e personalidades da oposição ao regime, além do aumento de manifestações populares, mostram que a luta pela mudança está a crescer.

Filmado nas áreas libertadas da então Guiné Portuguesa, durante a guerra de libertação, MADINA BOÉ documenta e legitima a luta armada do PAIGC. Mostra a educação política dos combatentes, as técnicas de guerrilha e o treino físico. Inclui uma entrevista rara com Amílcar Cabral.

Em DIECI GIORNI CON I GUERRIGLIERI DEL MOZAMBICO LIBERO, Franco Cigarini regista como, em 1972, um grupo de dirigentes municipais de Reggio Emilia visita as zonas libertadas no norte de Moçambique, solidarizando-se com a luta de libertação em curso. Samora Machel, Armando Guebuza e outros líderes explicam os motivos da luta contra os colonialistas portugueses.

9 de Outubro

18h30

A PROPOSITO DELL'ANGOLA

De Stefano de Stefani, Augusta Conchiglia

Itàlia, 1973 – 80 min.

Com a presença de Augusta Conchiglia e apresentação de Maria do Carmo Piçarra Documentário militante, que descreve a situação política em Angola durante a luta de libertação, regista o quotidiano nas bases militares nas zonas libertadas, a instrução com novos armamentos, uma emboscada a uma coluna motorizada portuguesa, além da dificuldade em arranjar comida para os guerrilheiros e as populações sob sua proteção.

Após ter visto *Loin du Vietnam* (1967), a jornalista Augusta Conchiglia quis ir, com o companheiro, o realizador da RAI Stefano de Stefani, filmar a guerra no Vietname. Joyce Lussu, intelectual que traduzira os poemas de Agostinho Neto para italiano, sugeriu que fossem antes a Angola filmar a luta independentista, desconhecida da opinião pública.

Realizado por de Stefani e Conchiglia, o filme reúne imagens da primeira estadia clandestina de ambos com os guerrilheiros do MPLA, na Frente Leste de Angola, entre abril e setembro de 1968, a outras captadas durante nova incursão clandestina, em 1970.

10 de Outubro

18h30

MAPUTO

De Elena Bedei

Itália, 1977 – 12 min.

RECONSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO

De Serge Michel, Florentino Flora Gomes, Sana na N'Hada, José Bolama, Josefina Crato

Guiné-Bissau, 1977 – 25 min.

NO PINTCHA

De Sergio Spina,

Guiné, 1979 – 50 min.

Com apresentação de Luca Peretti

Esta sessão, que junta três filmes realizados após as independências de Moçambique e Guiné-Bissau, abre com MAPUTO, de Elena Bedei, que documenta o quotidiano na capital de Moçambique pouco depois da independência.

Filme recentemente descoberto no Arquivo Audiovisivo Del Movimento Operaio e Democratico, RECONSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO documenta o encontro, em Bissau, dos ministros da Educação das ex-colónias portuguesas para, com o conselho do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, presente, pensar na formação a implementar observando os princípios da “Pedagogia do Oprimido”. Assinado coletivamente, teve maior envolvimento de Flora Gomes.

Já com produção do Instituto Nacional do Cinema da Guiné, NO PINTCHA (1979) foi realizado pelo italiano Sergio Spina durante o 3º Congresso da Independência para a Unidade e o Desenvolvimento. É outro olhar, sobre o país em construção e o legado de quinhentos anos de colonialismo.

11 de Outubro

19h00

QUEIMADA!

De Gillo Pontecorvo

Itália, 1969 – 129 min.

Realizado por Gillo Pontecorvo após a A BATALHA DE ARGEL, este filme de ficção histórica, cuja ação se passa em meados do século XIX, é protagonizado por Marlon Brando. Sobre ambos, Edward Said (autor de O ORIENTALISMO) afirmou terem criado um padrão estético e político inigualado. Brando considerou a interpretação como agente britânico com a missão de pôr fim à administração colonial portuguesa de Queimada, nas Antilhas, promovendo a revolta dos escravos que trabalham nas plantações de cana do açúcar, uma das melhores da sua carreira. A ação de Sir William Walker, bem-sucedida porque este logra convencer o carismático José Dolores – Evaristo Marquez, um pastor analfabeto descoberto por Pontecorvo, e escolhido em detrimento de Sidney Poitier, que o produtor Alberto Grimaldi queria convidar – a liderar a revolta, culmina num novo regime de exploração por uma companhia britânica.

No guião original, Queimada era uma ilha espanhola. A pressão franquista determinou a alteração, pois Portugal tinha menor peso internacional quanto a receitas de bilheteira.

ARTIVISMO E DESCOLONIZAÇÕES

Hangar – 17 de Outubro

11h00-11h30 – Daniel Barroca & Catarina Laranjeiro: O Chão é Lava!

O Chão é Lava! foi o título sugerido por Sara Santos para esta exposição em que a artista apresenta edifícios icónicos do Cacém a fazer esquina com um mapa-manta onde tem vindo a inscrever uma geopolítica subjetiva da Europa. Num outro núcleo, a Europa finge-se África. Realizadores amadores, como João Pereira (Tikai) e Nelca Lopez, imaginam-se nos seus países de origem a partir dos subúrbios de Lisboa. Em paralelo, a temporalidade da Guerra na Guiné-Bissau, através do olhar de José Estima, ex-soldado português, dialoga com imagens do movimento messiânico Kyangyang, da autoria de Ramon Sarró e Marina Temudo trabalhadas por Ana Temudo.

Catarina Laranjeiro é investigadora do Instituto de História Contemporânea da NOVA FCSH, onde desenvolve uma investigação sobre cinema vernacular em Cabo-Verde e Guiné-Bissau e respectivas diásporas em Portugal e França. É doutora em Pós-Colonialismos e Cidadania Global pelo [Centro de Estudos Sociais](#) da Universidade de Coimbra, e mestre em Antropologia Visual e dos Media pela [Freie Universitaet Berlin](#). Participa, regularmente, em diversos projetos e colectivos que cruzam a antropologia, a fotografia e o cinema.

Daniel Barroca * consultar nota biográfica acima

11h30-11h45 -Pausa para café

11h45 – 13h00 - O cinema fora do Estado: Silas Tiny, Falcão Nhaga, Jorge Cohen (em conversa com Maria do Carmo Piçarra)

Silas Tiny tinha cerca de 30 anos e estava ainda a frequentar a escola de cinema quando filmou, na Guiné-Bissau, *Bafatá Filme Clube*, um filme sob um intenso sentimento de perda. Prosseguiu com *O Canto do Ossobó*, obra em que regressa às origens para filmar as marcas da violência colonial nas plantações em S. Tomé e Príncipe, que aborda também através das histórias de família

Realizador português de origem guineense e cabo-verdiana, Falcão Nhaga realizou *Mistida*, “talvez o mais sólido dos filmes de produção recente da ESTC – realizado como exercício de fim de curso pela turma do terceiro e último ano da licenciatura em

